

Alto Paraíso³⁰ frustra expectativa

Ricardo Mendes
Da equipe do **Correio**

Alto Paraíso — Em vez de disco-voador, uma monomotor de uma emissora de tevê de Goiânia quebrou a monotonia da pouco movimentada pista do aeroporto de Alto Paraíso, cidade a 230 quilômetros de Brasília conhecida pela paisagem rochosa da Chapada dos Veadeiros e pelo misticismo de parte significativa de sua população de 4 mil habitantes. No dia em que um eclipse solar visto apenas no Hemisfério Norte representou a possibilidade de o mundo acabar, a grande

mudança no município do nordeste goiano foi o assédio de jornalistas a moradores.

Uma legião de aproximadamente 40 pessoas entre repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e motoristas lotou as principais pousadas, encheu restaurantes e se espantou com a escassez de rituais e eventos programados para marcar o início de uma nova era, a de Aquário.

VIVÊNCIA

Pessoas como o astrólogo Kranti Pessoa, 39 anos, foram subitamente transformadas em celebridades. Ele teve de conceder, na véspera do eclipse, entrevistas coletivas para explicar a cruz formada nos céus pelos principais planetas do zodíaco, posicionados nos signos de Leão, Aquário, Touro e Escorpião. No centro da cruz, nosso planeta. “É uma configuração que coloca a Terra sob grandes tensões, afetando também o campo psíquico das pessoas”, resume.

Pouco antes do pôr-do-sol de

terça-feira, Kranti foi ao aeroporto, resumido a uma pista de pouso asfaltada, bem sinalizada, mas sem iluminação. Diante das câmeras, ele espalhou objetos e pequenos cartazes no asfalto para montar uma representação circular do céu e descrever a configuração interpretada como o advento da nova era. Depois, convidou dez amigos para se sentarem em volta do círculo numa conversa sobre os efeitos da configuração zodiacal. Era o ensaio de uma vivência — nome dado a um misto de meditação, terapia em grupo e discussão astrológica — que ocorreria duas horas depois em uma das 44 pousadas da cidade.

Mais tarde, ele atribuiria à presença da imprensa o fato de a vivência não ter atraído as 30 pessoas que esperava — foram apenas 14 participantes, incluindo cinco crianças.

Outra frustração foi a festa Fim do Mundo, promovida por uma creperia e aguardada por uma semana. No seu ponto alto,

aproximadamente 60 pessoas bebiam e escutavam música popular brasileira. Pelo menos um terço delas era profissionais da mídia, ainda incrédulos com a discrepância entre a expectativa de presenciar rituais místicos e a constatação de que nem os turistas chegaram em número suficiente para agitar a cidade.

MEDITAÇÃO

Por volta das 7h30, os jornalistas cruzaram aproximadamente 30 quilômetros de uma estrada de terra para chegar a uma fazenda onde ocorreu o único grande ritual no município. O destino era a sede da Fundação Arcádia, uma organização não-governamental criada em 1995 em torno da idéia de que seres de outros planetas agem na Terra pela evolução da humanidade. O grupo é liderado pelo publicitário paulista Ergom Abraham, 48 anos.

O ritual levou quase 80 pessoas, todas vestidas de branco, a um local chamado Morro da Baleia,

no limite entre os 250 hectares da fazenda e o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Após 15 minutos de subida íngreme, eles chegaram a um platô. O grupo reuniu-se em um círculo demarcado com pedras. Ali, meditaram por duas horas e 20 minutos. Posicionaram-se em dois círculos concêntricos e fizeram movimentos com as mãos para mentalizar fenômenos como “estender e comprimir o tempo”. No fim, entoaram um mantra.

Medindo as palavras diante dos jornalistas, Ergom demorou para dizer abertamente que o grupo fez “contatos telepáticos com extraterrestres.

Nada demais para quem sustenta que “ninguém que está na Terra é terráqueo”. Segundo ele, a humanidade adaptou-se ao meio onde vive, espécie de planeta-escola para evolução da consciência de seres vindos de vários pontos do Universo. E ser alienígena não é privilégio da nossa espécie. As abelhas, por exemplo, são venusianas.